

POESIA : PRATA DA CASA

Do livro *Sete Dias* de Marta Helena Cocco

Um velho testamento	Reflexão
Transido de frio longe das colunas está o poema no sujeito engolindo sapos pra sobreviver. Pobre diabo. nasceu por linhas tortas e vai durar incerto sem deixar escritura lavrada Meu sentimento Carlos, socorro. Não tenho nome comunzinho que seja e, agora, sem identidade sem uma classe sem enxergar os companheiros como vou amar, desamar... Meu pai sumiu no mundo e as lições da infância não servem para o emprego, nem para a utopia... Desejei imensamente a sublime beleza de uma flor no asfalto de um elefante antes da dissolução	Enquanto me esforço para compreender que a taça de vinho e eu somos um evento no espaço-tempo de importância não catalogada, a noite se desenha lá fora -do lado oposto do espelho que me olha- um pouco fria e cheia de nuvens. Um espectro do que penso do que tento do que sinto. Uns trinta graus à esquerda movimento os peixes que se insinuam as flores... (é só uma tela) e, ora sim, ora não, creio na criação. Não, ainda não sei quem é maior: o mundo? O coração? Não me interessa mais nada que sirva de bandeira ou maldição. Nada me foi nem fui anunciado. Sem licença pra estar no mundo vou misturando o verbo o vinho

<p>de ombros reconhecendo os caminhos da amizade.</p> <p>Mas, meu sentimento está fora da ordem, Carlos.</p> <p>A maldição vingou.</p> <p>Comigo são muitos gauches mesmo que não saibam dizer essa palavra tão avessa ao nosso sotaque.</p> <p>Pior para quem lê, Carlos.</p> <p>Perde a esperança e já não crê na metafísica.</p> <p>Devo te dizer, entretanto, que ainda resta a lua e o conhaque.</p>	<p>e a sensação de que con-verso sozinho.</p>
---	---